

TIPO DE
VEICULO: Colunas
VEICULO: Documentos de
COLUNISTA: 10 caçador
PÁG. de Esmeraldas
DATA: 01/01/1975

ARGUMENTO DE

" O CAÇADOR DE ESMERALDAS"

por Paulo Coelho

abril 1975

No século XVII, o mundo conheceu homens sedentos de poder, riqueza e glória, com a coragem para abandonar tudo e seguirem seus sonhos até as últimas consequências. Estes homens foram chamados "os bandeirantes", e deixaram pouquíssimos registros escritos daquilo que fizeram. Muitos morreram no anonimato, nas mãos dos índios, ou nos delírios da febre e das doenças tropicais. Uns poucos conseguiram retornar, quase sempre de mãos vazias, mas de coração pleno. Esta é a história de uma destas expedições, talvez a única expedição que ganhou as características de fábula, e que durante muito tempo correu na boca do povo de São Paulo como o símbolo máximo do sonho de um homem.

PAULO COELHO

" O CAÇADOR DE ESMERALDAS "

Época: ano de 1674

Locações: cidade colonial do interior de São Paulo
florestas

Argumento: Um padre está numa estalagem de estrada quando se aproxima um forasteiro, Ruy Albuquerque. Ruy pergunta ao estalajadeiro pela bandeira de D. Fernão Dias, pois foi enviado pelo rei de Portugal para acompanhar esta expedição. O padre olha, suspeito. Procura conversar com o forasteiro, diz que também está de chegada na cidade, mas o que tem ouvido falar de bandeiras são as piores coisas possíveis. Diz que está indo para tentar restabelecer nos índios a confiança pela fé do homem branco, tão abalada pelas incursões dos bandeirantes, que buscam fazer dos índios seus escravos. Conversam os dois. Ruy explica que traz cartas do rei para Fernão Dias, o próximo bandeirante a partir. Foi enviado pelo governo para ser o cronista da expedição.

Os dois se despedem, deixando um laço de amizade em formação. Padre Armando vai até a vila, fala com o bispo, e recebe permissão de seguir para a aldeia índia. Lá chegando, encontra uma calamidade formada. Os índios sofrendo de doenças deixadas pelo homem branco, metade da tribo morta ou aprisionada como escravos, desconfiança geral.

Ruy também segue seu caminho. Vai jantar na casa de D. Pero Castanho, um protetor dos bandeirantes. Ao chegar lá, vê índios fora de casa, acorrentados, guardados por cães ferozes. Uma criança índia começa a chorar, os cães ladram, e mãe da criança tapa imediatamente sua boca. Aparece D. Pero Castanho, um homem grande, forte, calado. Ruy se apresenta. Conta sua história a D. Pero; já participou de expedições na America Espanhola, convidado por El Rey de Espanha. Explica novamente o que está fazendo ali.

O padre Armando está rezando missa na aldeia, e fala da bondade de Deus em seu sermão, quando subitamente a aldeia índia é invadida por bandeirantes. Corre-corre geral, tiros, os índios sendo aprisionados. Padre Armando volta para a cidade e fala com bispo. Bispo lê a bula do Papa Urbano VIII no centro da cidade, ameaçando de excomunição aqueles que aprisionarem índios, convertidos ou não. A população se reúne em volta do padre, dando razão à Igreja. Os homens se juntam com os jesuítas e vão até as fazendas, libertando os índios que estão trabalhando nas plantações de café. Incendeiam-se as colheitas. Os índios fogem.

Bandeirantes e senhores de terras se reúnem na casa de D. Pero Castanho. Comentam exaltados o que os jesuítas estão fazendo. Criam um conselho de guerra, destinado a expulsar os jesuítas da cidade. Chega José Dias, filho bastardo de Fernão Dias, trazendo índios que acabou de recapturar. Os homens se reúnem e partem em direção do convento, a fim de acertarem contas com os jesuítas.

Borba Gato está cuidando da intendência da bandeira de Fernão Dias quando vê passar pela rua a multidão de bandeirantes. Fica preocupado com o clima de guerra e os reflexos que este clima de guerra pode trazer para a bandeira que está próxima, e vai procurar Fernão.

O clima na cidade é de guerra. Os bandeirantes invadem o convento e expulsam os jesuítas. Jorge Correa, prefeito da cidade, vem em socorro dos padres e é ameaçado de morte. Os bandeirantes se preparam para queimar o convento quando surgem Fernão Dias e Borba Gato. Fernão impede a queima, faz com que os jesuítas voltem para o convento, e dissolve o conflito. No meio da confusão, Padre Armando e Ruy, agora em campos opostos, tornam a se encontrarem novamente.

Os bandeirantes voltam para a casa de D. Pero. Lá, Ruy conhece Fernão Dias. Entrega a carta de El Rey, nomeando Fernão o governador das esperaldas, e dando todo apoio governamental à bandeira que está prestes a ser realizada.

Dia seguinte. A cidade inteira discute a saída da bandeira. Uma mãe, cujo filho quer seguir na expedição, compara os bandeirantes a marginais da pior espécie. As pessoas de longe começam a chegar: Henrique, que veio da cidade do Rio de Janeiro e quer descobrir a Atlântida; Matias Cardoso, lugar tenente de Fernão Dias, com sua tropa de índios armados; uma mulher, Ângela, tenta se inscrever

na expedição, para procurar o noivo que desapareceu nas selvas, mas os chefes bandeirantes não permitem sua presença. Escrivão registra todos que se inscrevem. Escolhem os guias índios. Padre Armando foi escolhido pelo Bispo para acompanhar a bandeira e dizer suas missas, em troca da contemporização de Fernão Dias no caso dos jesuítas; está furioso com a escolha, mas se apronta para ir. Um ex-presidiário, Martin Preto, também se inscreve.

Chega a noite. Os últimos preparativos são tomados. O rapaz cuja mãe não queria deixar que fosse, foge de casa e se apresenta a Fernão Dias.

Todos dormem, inquietos.

A manhã da partida. As pessoas despertam, entre tensas, saudosas e ansiosas da aventura que está por vir. Reúnem-se todos na praça da cidade, para a missa campal. Os homens na frente do altar, as mulheres e o resto da população ladeando os participantes da bandeira. O Bispo celebra a missa. No final, Fernão Dias se aproxima com a Bandeira, um estandarte verde e branco. Ajoelha-se diante do bispo. O Bispo benze a Bandeira. Neste momento os sinos repicam, fogos de artifício são soltos. Após a cerimônia a bandeira parte, com o povo seguindo; os bandeirantes na frente, os índios e escravos atrás. Na saída da cidade, todos se despedem. A mãe que não queria deixar o filho seguir acena-lhe um adeus. Fernão Dias beija a sua mulher. Esta lhe pede que não desista nunca, que não tenha pressa em voltar, mas que só volte com as esmeraldas. Os dois cumprimentam-se respeitosamente, e a bandeira parte.

No último momento porém, Angela, a mulher que não queriam permitir que partisse com a bandeira, apa-

rece vestida de homem e coloca-se entre os bandeirantes. Diz que só sai dali morta. Tentam tira-la, mas ela aponta o arcabuz para seu rosto e diz que disparará se a tocarem. Borba Gato intercede a seu favor. Fernão Dias então permite que Ângela siga com eles.

Quando vão saindo, ouvem uma gritaria.

É uma velha bruxa amaldiçoando a bandeira. Os homens persig-nam-se. Fernão Dias dá enérgicamente a ordem de caminhada.

E a bandeira parte.

Caminhadas. Sobem montes, cruzam rios, etc. Descobrem um velho cemitério índio. Henrique, o sujeito que foi em busca da Atlântida, toma medias e comenta a seme-lhança das pirâmides do Egito com as formas cônicas encon-tradas no cemitério.

Caminham. Atravessam pantanais, lutam con-tra a correnteza, enfrentam tempestades. A rotina da ban-deira é mostrada: missa pela manhã, caminhada até meio

dia, sesta após o almoço, e caminhada até a noite, quando acampam para dormir. Nos rios e em suas margens os homens garimpam sem cessar, buscando ouro e esmeraldas. Padre Armando comenta as experiencias dos jesuítas na pacifica-ção dos índios. O conflito social entre brasileiros e portugueses surge , provocando brigas. Henrique interroga todos os índios que encontra no caminho, buscando dados para encontrar a Atlântida.

Certa noite surge a lua com um halo em volta. Os índios fazem rituais, dizem que é maldição, e querem voltar. Os bandeirantes armados não deixam. A bandeira segue seu caminho até que os víveres começam a escassear. Fernão Dias dá ordem para acamparem durante dois meses, tempo hábil para que determinadas plantações e colheitas possam serem feitas.

Durante este período, Ruy passa alguns dias numa tribo de índios da redondeza, onde os silvícolas demonstram seu contentamento chorando. Tem oportunidade de assistir "A Festa da Virgem", ritual ameríndio que consagra o primeiro sangue menstrual da adolescente.

O sal está racionado. Selvagens cercam a bandeira acampada, temendo que seja uma expedição de caça aos índios. Há combate com muitas mortes de ambos os lados, mas os bandeirantes conseguem impor sua lei, e derrotam os índios.

Finalmente chega a hora em que devem partir de novo. Fernão Dias deixa um homem tomando conta da roça, para terem mantimentos na volta (muitas cidades de São Paulo foram formadas por estes núcleos bandeirantes).

Morre alguém no caminho. Seus bens são leiloados entre os que sobraram. A bandeira está reduzida por causa da luta com os índios. Ângela indaga dos selvagens que encontra no caminho a respeito de seu noivo. Henrique procura os atlantes. Ruy toma nota do que está acontecendo na expedição.

Os bandeirantes comem uma fruta do mato e na manhã seguinte aparecem com o corpo cheio de chagas. A peste

dizima 1/4 dos participantes da bandeira, apesar dos esforços de uma curandeira índia que acompanha a expedição para curar os que estão sofrendo. Na peste morre o rapaz que teimou com a mãe que queria vir.

O clima dos participantes já não é tão favorável. Começam a falar de desengano, liderados por Martin Preto. As lendas brasileiras (boitatá, curupira, saci, etc.) aparecem sob a forma de comentários entre os índios. Angela é currada e quase morta, mas Borba Gato interveio a tempo, e consegue salva-la. Os curradores são executados. Os índios que encontram pelo caminho, e a quem perguntam sobre esmeraldas, vão fazendo com que a bandeira se embrenhe cada vez mais nas matas.

Para completar o mal-estar, chega no acampamento um cavaleiro vindo da cidade. Ele traz uma carta para Fernão Dias. Esta carta o destitui do cargo de governador das esmeraldas, avisando que um nobre espanhol, D. Rodrigo, foi enviado oficialmente pela coroa com o fito de descobrir as pedras preciosas. Fernão Dias perde a cabeça. Martin Preto, aproveitando a situação, avisa ao resto dos participantes da bandeira o que aconteceu, incitando-os à revolta. Mas José Dias descobre o que Martin Preto está tentando, e após uma luta corporal consegue prende-lo, levando-o a julgamento na barraca de Fernão. É imediatamente condenado à morte. No dia seguinte, Martin Preto é amarrado por cordas e o mergulham lentamente num rio de piranhas, que terminam comendo-o vivo. Seu esqueleto é pendurado em uma árvore.

Fernão Dias, mesmo destituído do cargo, resolve prosseguir. O cavaleiro volta à cidade, levando lembranças de todos da expedição. Numa das caminhadas Henrique descobre uma impressionante caverna de 3 naveas, com desenhos pré-históricos. A falta de carne faz com que os índios caçam com zagaia uma onça que vinha a muito tempo rondando a expedição.

Começam as deserções. Os homens estão caindo aos pedaços. Um desertor chega até a cidade, e avisa a mulher de Fernão o que está acontecendo. A mulher de Fernão se desfaz de todos os seus bens, compra sal, pólvora e alguns víveres para o marido. Passa a morar numa pequena casa, esperando que Fernão Dias realize seu delirante sonho e descubra as esmeraldas, tornando-os ricos para sempre.

Finalmente acontece a maior calamidade. A bandeira acampa nas margens de uma lagoa verde. Fernão Dias acha que a cor da água é um sinal de que as esmeraldas estão próximas. Seus gariapeiros são mandados para batelar no local. A expedição bebe água da lagoa, mas esta contém a malária, e no dia seguinte todos estão com tremedeiras e calafrios. A nova peste começa a se instalar na expedição. O lugar tenente de Fernão Dias, Matias Cardoso, resolve abandonar a bandeira com seu pequeno exército. José Dias, que antes condenara Martim Freto por sedição, começa a tentar convencer, infrutiferamente, seu pai a voltar. Diante do fracasso das conversações, resolve matar o pai. Enconra à índia curandeira um veneno que colocará na comida de Fernão Dias. A curandeira, porém, delata a trama ao chefe bandeirante, que resolve testar seu filho.

Na hora do jantar, depois de todos haverem terminado com o garimpo do dia, Fernão chama José para comer com ele. José elogia o prato de Fernão, que então lhe oferece sua própria comida. José recusa, porque está envenenada, e Fernão tem a confirmação de que a curandeira havia dito. Reúne os chefes bandeirantes e faz um julgamento sumário de José, que é enforcado no dia seguinte.

Mas a expedição já se desintegra. Ângela consegue descobrir uma tribo das redondezas que sabe o paradeiro de seu noivo. O que ela encontra é o túmulo do jovem bandeirante. Borba Gato consola-a, e confessa seu amor por ela.

Fernão Dias é atacado pela febre. Delira. Chegam os mantimentos que sua mulher mandou, mas ele joga tudo por terra, tentando descobrir quinino (o único remédio eficaz). Em seus delírios, considera as turmalinas achadas como as esmeraldas que sempre buscou. Morre finalmente, por causa da febre.

Borba Gato e Garcia Pais, descobrindo o infrutífero da jornada, resolvem voltar. Trazem o corpo de Fernão. No caminho, encontram-se com D. Rodrigo, o nobre espanhol. Borba Gato tem uma desavença com ele e termina tirando-lhe dez penhascos. Agora é um homem marcado. Já não pode voltar à civilização. Garcia Pais se encarregou de levar o corpo de Fernão, enquanto Borba Gato, refazendo o que sobrou da bandeira, dá meia volta e se embrenha de novo nas solvas, acompanhado de Ângela. Ruy e Pe. Armando, depois de assistir o casamento de Borba Gato, voltam com Garcia.

Borba Gato viajará 30 anos antes de ser perdoado pelo rei.
